

O COMÉRCIO DA AJUDA

QUINZENÁRIO ANUNCIADOR, LITERÁRIO, NOTICIOSO E DEFENSOR DOS INTERESSES DA FREGUESIA DA AJUDA

Administrador: J. A. SILVA COELHO

Director: ALEXANDRE ROSADO

Editor: ANTONIO DE CAMPOS AÇO

Propriedade da Pap. e Tip. GRAFICA AJUDENSE, C. da Ajuda, 176, Telef. B. 329

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Redacção, Administração, Composição e Impressão:
CALÇADA DA AJUDA, 176 — LISBOA

Em cumprimento duma recente postura que obriga a redigir os letreiros publicos em harmonia com a nova ortografia oficial, a Companhia Carris de Ferro está alterando os letreiros dos seus carros, que dizem Rocio com e por Rossio com dois ésses. Nós preferimos Rocio com e e Cintra com C, talvez por termos recebido a nossa instrução por esse sistema, mas manda quem pode, está bem, concordamos. Com o que não concordamos, porque nos dá no gôto esta coisa de fazer leis para os outros cumprirem, é que a Camara Municipal conserve a palavra Sahida com h na Tesouraria de Finanças do nosso Bairro, que é sua pertença, a Administração dos Correios mantenha nos seus carimbos a palavra Ceia, povoação, com C, quando deve ser com S, e até a Biblioteca da Ajuda lá tem em letreiro bem visível ercimando a sua portada a palavra Bibliotheca com h!

O Club de Football «Os Belenenses» inaugura hoje, pelas 16 horas, na Rua dos Sapateiros, 231, a sua Delegação.

A Direcção daquele popular Club desportivo enviou-nos um cartão de convite para assistirmos á cerimonia, o que muito agradecemos.

PROMETEM sêr deslumbrantes as festas do Carnaval no Club Sportivo de Pedronços, realizando-se duas grandiosas «soirées» nas noites de 10 e 13 e duas tardes-danças nos dias 11 e 12 de Fevereiro.

DIZEM-NOS que além da Escola Maternal, Creche, Lactario, Dispensário e Cosinha para sôpa aos pobres, também se instalará nos terrenos que o Estado possui entre a Rua da Bica do Marquez e o sítio dos Pinheiros da Ajuda, um Mercado Municipal. Oxalá que sã, porque é também um melhoramento muito necessário

Finalmente!

Foi inaugurado no dia 31, oficialmente, o Bairro Económico da Ajuda

No dia 31 de Janeiro último foi inaugurado, com grande solenidade, o Bairro Económico da Ajuda.

Esta obra grandiosa foi ha 16 anos mandada iniciar pelo chefe de Estado de então, Dr. Sidónio Pais, que, numa clara visão das necessidades dos humildes, a destinou a abrigar os componentes das classes trabalhadoras, isto é, aqueles cujos salários não lhes permite pagar rendas caras, e concluída nos últimos dois anos, sob a egide do actual Governo, mercê da persistencia e espírito trabalhador dos srs. engenheiros Duarte Pacheco, ministro das Obras Públicas e Comunicações, Gomes da Silva, director dos Edifícios e Monumentos Nacionais, e Carlos Martinho, que dirigiu a construcção.

Foi um dia de regosijo para os habitantes desta frêguesia, e, podemos dize-lo, de satisfação para Lisboa, pois vimos milhares de visitantes desconhecidos.

Não fomos convidados, não merecemos essa honra, não nos deixaram entrar, a fim de assistirmos de perto aos actos officiais, mesmo declinando a nossa qualidade de enviados dêste modesto periódico, que com tanto amor tem tratado do assunto, mas não arredámos pé, e mesmo de fóra, acovelados pela grande onda humana, que procurava ver alguma cousa, tomámos algumas notas.

A's 14,30 chegou o Chefe do Estado, que era aguardado pelo Presidente do Ministério e mais membros do Governo, e pelas creanças dos asilos que estão a cargo da Assistencia Pública, que estavam representadas em grande número.

Depois de assinado o auto de posse, cerimonia que se realizou no edificio da Escola, o Chefe do Estado, acompanhado da sua comitiva, percorreu diversas dependências do Bairro, vindo depois proceder á cerimonia do corte da fita, que fingia impedir a entrada no Bairro pela Travessa da Boa Hora, onde nos encontrávamos junto dos garbosos alunos da Casa Pia, sendo nessa altura, muito ovacionado pela multidão que ali se encontrava.

E como nada mais podíamos vêr, ficámos aguardando as 16 horas para entrar no Bairro, hora a que êste foi franqueado ao público.

O pôvo ficou contente com a inauguração official do Bairro; agora vamos ao útil e prático: arranquem quanto antes aqueles arames farpados que lá voltaram a pôr, interceptando a passagem, e deixem entrar os felizes que devem ir ocupar aquelas higienicas moradias, para que então se faça a inauguração de facto, porque será êsse O VERDADEIRO DIA DE FESTA.

A propósito da inauguração do Bairro de Casas Económicas — hoje Bairro Económico da Ajuda — noticiaram quasi todos os jornais, mesmo os que se apelidam de grandes informadores, que foi inaugurado o Bairro Social da Ajuda. Não é bem assim. O projectado Bairro Social da Ajuda, nada tinha que ver com o que ora foi inaugurado; ficava situado entre as trazeiras da cêrca da Casa Pia e a estrada militar que vai ao forte do Alto-Duque, e, quanto a construcção, nunca passou além dos caboucos.

POR absoluta falta de espaço, somos forçados a retirar no presente número bastante original, entre êle uma engraçada página infantil, composição do nosso presado colaborador Sr. Alexandre Settas, a qual será publicada no próximo número.

A todos pedimos desculpa.

A Federação das Sociedades de Recreio avistou-se com o sr. Inspector Geral dos Espectáculos, a quem solicitou a prorrogação do prazo para a entrega das plantas das sédes das sociedades recreativas.

O sr. major Oscar de Freitas respondeu que considerava terminado o referido prazo, mas que ia ordenar á secretaria da Inspecção que aceitasse até ao dia 15 do corrente as plantas apresentadas pelas sociedades de recreio que o não pudessem fazer até 31 de Janeiro findo.

A comissão executiva da Camara Municipal de Lisboa, deliberou mandar colocar uma lapide comemorativa na casa da rua de S. Julião, onde nasceu o actor Chaby Pinheiro.

E' uma justissima homenagem, esta que a cidade de Lisboa, por intermédio do seu Municipio, vai prestar ao comediante insigne, que tantas noites de inolvidavel prazer espiritual lhe proporcionou.

A Favorita da Ajuda

DE

ANTONIO DIAS

147, Calçada da Ajuda, 149 — LISBOA

Especialidade em Chás, Cafés e Manteigas
Generos de mercearia de primeira qualidade — Louças e vidros

Vinhos recebidos directamente de Arruda

LIBANIO DOS SANTOS

VINHOS E SEUS DERIVADOS

RECEBIDOS DIRECTAMENTE DO LAVRADOR

TABACOS E COMIDAS

206, Calçada da Ajuda, 206 — LISBOA

Sucursal: Rua das Açucenas, 1 (antiga casa do Abade)

Na perspectiva duma nova guerra?

Volta a escurecer o horizonte que se apresentava limpido da paz mundial. Ainda não se desfez nem se apagou essa enorme mancha que ensanguentou pela morte milhões de homens válidos, durante quatro angustiosos anos, na Grande Guerra, e já outra carnificina se apresenta iminente!

De vez em quando surgem prenúncios de nova hecatombe, e cada vez mais se vai avolumando a possibilidade duma tremenda guerra.

Agora, segundo os grandes rotativos, a eclosão do conflito será entre a Rússia e o Japão, e como provável no início da próxima primavera, dados os preparativos bélicos de ambas as partes, que são significativos e formidáveis.

E todos se convencem que será inevitável a tragédia que se desencadeia, zombando-se dos esforços empregados no sentido de obstar ao deflagrar de tam horrível flagelo.

Uma forte desilusão devem sofrer todos aqueles que têm acalentado o sonho de promoverem o desarmamento geral das potências, a ao reconhecerem que os seus intuitos pacifistas foram derruidos pelo embate perigoso das ambições guerreiras, pelos fomentadores duma provável catastrophe, que só trará como consequência inevitável a miséria, a dor e a ruína de milhões de seres.

Quando tudo fazia acreditar numa era de tranquilidade e concórdia entre os povos, eis que se avizinha uma violenta rajada de maldade e insensatez, procurando conduzir os homens para a bestialidade, transformados em verdadeiros canibais dos seus semelhantes.

Com o alarme dado cada país procura defender-se, e trata de fazer acreditar que existe o perigo de guerra e, por consequência, a necessidade de armamentos para fazer frente ao inimigo que se aproxima.

Por sua vez os negociantes de munições, os interessados nas guerras, consideram o fabrico e a venda de armas como outro negócio qualquer, a fim de realizarem o maior número possível de benefícios.

Assim pela imprensa ou de criaturas a seu soldo, influem na opinião pública no sentido de a excitarem a corresponder ao apelo de beligerância. Não receiam empregar os seus capitais na compra de jornais e penas, que segundo a frase de Briand «são feitos do mesmo aço dos canhões» e que servem para criar o ambiente propício das guerras.

Enfim, as nações redobram de armamentos, os exércitos adestram-se, as fábricas produzem toneladas de munições, adquirem-se os mais adoptáveis aparelhos mortíferos para a terra e no espaço, constróem-se unidades navais de guerra, inventam-se produtos químicos de acção destruidora, etc., etc. para a embaladora manutenção da paz?

Não! Para a guerra!

Agradecimento

Alfredo Joaquim Gameiro, Joaquim António Gameiro e mais família, altamente penhorados pela abnegada coadjuvação que de várias pessoas receberam durante os últimos dias de vida de sua irmã, Adelaide da Conceição Gameiro, por este meio vêm agradecer tais provas de carinho e dedicação; assim como se confessam profundamente reconhecidos pelas demonstrações de sentimento que lhes foram endereçadas, e em especial pela comovedora manifestação de pesar com que os distinguiram aqueles que espontaneamente se incorporaram no cortejo que acompanhou a extinta á sua última morada.

A todos protestam a mais sincera e perdurável gratidão.

A possibilidade duma nova guerra não está arredada. A concorrência comercial japoneza que tem conseguido invadir quasi todos os mercados internacionais com os seus produtos a preços baixos e acessíveis, deve impulsionar os apetites gananciosos de desafianta, ao mesmo tempo animar as manifestações flagrantes de expansão da oligarquia japoneza sobre o mundo inteiro.

O Japão desenvolveu todas as suas indústrias, a capacidade e qualidade do trabalho manual das artes e officios grangearou uma enorme repercussão internacional.

«No momento mais grave de uma interminável crise que a ninguém poupa, o Japão é o único país do mundo que há dois anos, apresenta um apreciável progresso do seu comércio externo. As estatísticas de 1932 acusam um aumento de 24 por cento nas exportações relativamente a 1931, e de 15 por cento nas importações. O mesmo se dá no começo de 1933. E isso não obstante o semi-encerramento do mercado chinês aos produtos do Japão, desde 1931».

«Esta expansão, escreve o sr. Ricardo Jorge, exige um arsenal colossal e um gasto prodigioso de matérias primas. Basta dizer que o Japão está armado de 264 mil toares de seda, pela maior parte mecânicos, e que a sua produção de seda artificial está quasi a ganhar o primeiro lugar. Em lã, o Japão é o primeiro comprador na Austrália, excedendo a própria Inglaterra em 50 mil fardos. Em algodão, exporta para a India e para o Egito tanto ou mais que a Inglaterra. A exportação total do Japão aumentou 43 por cento em cinco anos, ao passo que a da Inglaterra desceu 43 por cento e a da França 73 por cento. No famoso centro textil de Lancashire, a saída do pano cru abateu cinco séptimos, e 40 por cento dos tecelões

Santos & Brandão

CONSTRUCTORES

Serralharia ** Forjas ** Caldeiraria
Soldadura a autogénio

Rua D. João de Castro, 28 (Rio Sêco)

TELEFONE B. 207

Farmácia Mendes Gomes

Director técnico - JOSÉ PEDRO ALVES, Farmaceutico Químico

CONSULTAS MÉDICAS pelos Ex.^{mos} Srs. Drs.

VIRGILIO PAULA Todos os dias ás 17 horas

PEDRO DE FARIA Terças-feiras ás 10 horas e sábados ás 9 horas

ALVES PEREIRA - 4^{as} feiras ás 9 h

FRANCISCO SEIA - Quintas-feiras ás 10 horas

Serviço nocturno ás segundas-feiras

Calçada da Ajuda, 222 - LISBOA - Telef. B. 456

andam de mãos a abanar. Eis onde está a Inglaterra dos tempos dourados do carvão, do ferro, do pano cru e do pano patente. Entretanto o Japão multiplica as cifras das suas importações e exportações. Há regiões onde a entrada dos seus produtos trepou ao dobro o ano passado. Só nos Estados Unidos aumentaram num ano 54 mil contos».

Em síntese, nota-se claramente o prejuizo da concorrência japoneza nos diversos paizes, e portanto, a necessidade da sua expansão por todos os meios que pode dispôr, não ocultando o recorrer á força das armas.

E a prová-lo está a propaganda desenvolvida nêsse sentido, transcrevendo alguns periodos dum livro escrito pelo general japonês Araki, ferrenho adepto da guerra:

«O Japão encontra-se neste momento numa situação muito séria. Para dela sair, cada japonês deve conservar a consciência profunda de que é, antes de tudo, japonês nada mais que japonês, e não cosmopolita nem membro da S. D. N. nem aderente a associações idealistas, quaisquer que sejam».

«Somos a primeira potência asiática e somos nós que devemos pôr á frente da Asia, actuar, esgotar até á última parcela das nossas forças nacionais. E' preciso prepararmo-nos para uma luta desesperada.

«Os brancos fizeram das nações da Asia puros e simples objectos de opressão. O Japão Imperial não pode deixar por mais tempo a sua imprudência sem castigo. O principio do nosso império é a incarnação da Jus-

tiça e do Direito. Todos os japonezes devem estar prontos, espiritual, materialmente, para ajudarem o estabelecimento dêste império, mesmo que seja recorrer ás armas».

Onde a ameaça se revela com maior intensidade, é no seguinte:

«O nosso país está destinado a propagar o seu ideal nacional através dos sete mares, a espalhá-lo pelos cinco continentes da terra, mesmo que lhe seja necessário empregar a força. Somos os descendentes dos Deuses: devemos reinar no mundo».

Já o barão Tanaka num documento secreto dirigido ao imperador havia escrito:

Para conquistar a China, devemos primeiro conquistar a Mandchúria e a Mongólia. E para conquistar o Mundo, devemos primeiro conquistar a China».

Pela amostra se descobrem os intuitos dominadores do Japão em desencadear a guerra no Extremo-Oriente, a que não faltarão auxiliares, para realização dos seus planos de absorpção.

A perspectiva duma nova guerra não está afastada em detrimento das aspirações de paz que todos desejam e devem existir entre todos os povos, quaisquer que sejam as suas raças ou descendências.

Carlos Inúbia.

BILHETES DE VISITA

desde 4\$00 o cento

C. da Ajuda, 176 - LISBOA - Telefone B. 329

Agostinho António

Dêste nosso querido amigo e camarada de redacção, que no passado dia 29, acompanhado por sua Ex.^{ma} esposa, partiu para Nova Goa (India Portuguêsa, recebemos a seguinte carta:

Sr. Director de «O Comércio da Ajuda»—Antes de me retirar desta freguesia, para ir desempenhar uma nova Comissão de serviço desejava, por intermédio do jornal que se publica no nosso burgo e que V. Ex.^a dirige com tanta proficiência, agradecer a todos os meus amigos as provas de estima e consideração com que sempre se dignaram distinguir-me.

Neste meu agradecimento, sem desprimôr para quem quer que seja, desejo envolver especialmente as duas duzias de amigos que, no dia 21 do corrente, animados dos mais belos e generosos sentimentos de franca e leal camaradagem, se dignaram proporcionar-me algumas horas deliciosas, nas quais tive ocasião de me certificar que a sinceridade e o cavalheirismo continuam a ser as mais belas qualidades que distinguem a nossa Sociedade.

Vai para todos o meu reconhecimento bem sincero, acompanhado dos melhores votos das maiores prosperidades.

Ajuda, 27-1-934.

Agostinho António.

OFICINA DE RELOJOARIA E OURIVESARIA

DE

Albano Machado

Reparações em relógios de todas as marcas e objectos de ouro e prata
PERFEIÇÃO, RAPIDEZ E ECONOMIA

Calçada da Ajuda, 162 - LISBOA
TELEFONE BELEM 236

AGENCIA MIGUEIS

FUNERAIS E TRASLADAÇÕES

Calçada da Boa Hora, 216 - LISBOA
TELEFONE BELEM 367

CERAMICA DE ARCOLENA

DE

J. A. JORGE PINTO

Azulejos e louça vermelha — — Faianças artisticas
Canalisações de barro vidrado

Rua das Pedreiras, 4 — Arcolena

ANTONIO ALVES DE MATOS, L.^{DA}

R. das Casas de Trabalho, 177 a 183

GENEROS ALIMENTÍCIOS DE BOA QUALIDADE
AZEITES E CARNES DO ALENTEJO

Os bons vinhos da Região de Mafra:

Cheleiros, Carvalhal, etc.



MARCA - MOSTEIRO DE MAFRA

vendem-se nos estabelecimentos dos

RESINAS

Rua do Cruzeiro, 101 a 117 Calçada da Ajuda, 212 a 216
R. da Junqueira, 293-B a 293-D Calçada da Ajuda, 154 a 156
Calçada da Tapada, 47 a 53 Largo 20 de Abril (Calvário), 1

Instalações eléctricas a Prestações - Executa

AMÉRICO HEITOR DIAS
ELECTRICISTA

Empreiteiro autorizado pelas Comp.^{as} Reunidas Gaz e Electricidade
Instalações até 24 prestações. Brinde: Um ferro electrico.

PEDIDOS á Calçada da Ajuda, 167 e 169, Telef. B. 552
onde serão atendidos com a máxima urgência

Se quereis fazer as vossas compras em boas condições, ide fazê-las aos estabelecimentos de

FRANCISCO DUARTE RESINA

R. do Cruzeiro 101 a 117, Telef. Belem 551, ou Calçada da Ajuda 212 a 216, Telef. Belem 553 (antiga Merceria Malheiros)

que aí encontrareis um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, e muitos outros artigos por preços módicos; e a máxima seriedade comercial.

Ao menos a título de curiosidade fazei uma visita áqueles estabelecimentos, para vos certificardes da verdade, que o seu proprietário agradece

As Colónias Portuguesas

Por várias experiências efectuadas, está suficientemente averiguado que em Cabo Verde se pode dar incremento a algumas indústrias, o que muito contribuiria para um maior bem-estar dos seus habitantes.

Entre outras podemos destacar a da pesca, devido á grande variedade e abundancia, em todas as ilhas, principalmente da albacora; a da cerâmica, algo desenvolvida na Boavista e Maio, e a do sal, também já em exploração na ilha do mesmo nome e na Boavista.

Na ilha de Santo Antão, existe também uma nascente de agua mineral, abandonada, por assim dizer, agua que vários entendidos afirmam ser tão boa como as de Vichy.

Cabo Verde possui uma esplendida frota veleira de longo curso que efectua carreiras regulares, entre o arquipelago, e se estende á Guiné, Serra Leoa e América do Norte.

Possue uma potente estação de T. S. F. na cidade da Praia, ancorando em S. Vicente o Cabo Submarino, que são também duas esplendidas fontes de receita.

E assim o rendimento das exportações adicionais ao produzido por

aqueles, dá a Cabo Verde um rendimento anual de 19 mil contos aproximadamente.

A instrução tem merecido uma atenção especial a quem tem escolhido Cabo Verde para centro da sua actividade, e que ficará suficientemente demonstrada com as dezenas de escolas primárias de ensino gratuito que funcionam em todo o arquipelago, com a existência do belo Liceu em S. Vicente e o Instituto «Cabo Verdeano» em S. Nicolau.

Os naturais de todo o arquipelago, como em geral todos os pretos, são propensos absolutamente á indolência e ao vicio da embriaguês de maneira que, se o europeu os abandonasse, a ninguém reste dúvidas de que, pouco a pouco, se iriam deitando sob a influencia horrorosa do alcool, causador de tantas victimas por esse mundo além.

A propensão para a embriaguês está tão arreigada no Cabo Verdeano, que tudo lhe serve de pretexto para ingerir bebidas alcoolicas, até mesmo

**Este número foi visado
pela Comissão de Censura**

a morte de qualquer parente ou amigo. Assim que este facto se torna conhecido, a casa do defunto é invadida por parentes e amigos que, bebendo e bebendo bem, começam a chorar e proclamar em altos gritos, todas as virtudes desse defunto, prolongando-se este espectáculo por uns oito ou quinze dias, conforme os *cabedais* que elle possuir.

Mercê da educação que lhe foi ministrada desde o seu inicio, o cabo verdeano é acentuadamente supersticioso, acreditando em feitiçarias, e attribuindo a este facto, tudo quanto de mau lhes sucede.

Felizmente, com o andar dos tempos essa doença vai sendo combatida insistentemente, o que nos leva a concluir que mais uns vinte anos de propaganda laica, será o tempo suficiente para uma cura radical.

E, não andaremos muito longe da verdade, afirmando que o cabo verdeano, uma vez divorciado da embriaguês, deixando de acreditar em coisas supersticiosas e criando estimulo pelo trabalho, pode pensar afoitamente na sua emancipação. Mas até lá...

Agostinho António.

Farmacia SOUSA

C. da Ajuda, 70

Telefone B. 329 B

Consultas

pelos Ex. mos Srs. Drs.:

CARRILHO
AVIER

Partos, doenças
das senhoras,
Clínica Geral

TODOS OS DIAS
ás 15 horas

MEDINA
DE SOUSA

R. DOS HOSPITAIS
Coração e Pulmões
Clínica Geral

TODOS OS DIAS
das 17 ás 19 h.

Serviço nocturno
ás quartas-feiras

MERCEARIA CONFIANÇA

Verdadeira selecção em todos os géneros de primeira necessidade.

DE
João Alves

CALÇADA DA AJUDA, 95 A 97 - LISBOA

Nesta casa também se vendem os afamados VINHOS DE CHELEIROS (Maia)

Palavras que enobrecem

«A imprensa de Coimbra tenho dois pedidos a fazer: o primeiro é que nos dê sugestões úteis, para o progresso de Coimbra; o segundo é que nos julgue severamente, se não formos homens de antes quebrar que torcer».

Estas palavras proferidas pelo Sr. Dr. Manuel Serras Pereira, ao tomar posse da presidência da Comissão Administrativa da Camara Municipal de Coimbra, honram-no muito, segundo o nosso modo de pensar.

E' pena que não sejam perfilhadas por todos os dirigentes de Corporações Administrativas.

Mas infelizmente, a avaliar pelo que nos tem sucedido, vemos que são poucos os que o imitam.

Se o fizessem, não tínhamos que repetir inúmeras vezes, os diversos pedidos de melhoramentos que temos sugerido nas colunas deste modesto quinzenário, nem tínhamos razão para dizer alto e bom som, como o podemos fazer, que não nos têm atendido por mero capricho ou maldade, porque todas as coisas que temos reclamado são de absoluta utilidade e algumas pouco dispendiosas, como ides ver:

pedimos o alargamento da Calçada da Boa Hora, no espaço compreendido

entre o pateo do Saldanha e a Rua da Junqueira, porque o seu projecto e orçamento foi aprovado há 43 anos — 14-1-1891 — por já então se julgar insufficiente a sua largura, inferior a 7 metros, para o trânsito daquela época;

— pedimos a construção do colector do Rio Sêco, também aprovada na mesma data, e a cobertura de outros canos de esgôto que se conservam a descoberto, com grave risco da saúde pública;

— pedimos a remoção duma barraca de madeira pôdre, remendada com latas velhas, e que está peijando o passeio do Largo do Rio Sêco;

— pedimos que fôsem franqueadas ao público as sentinas existentes no edificio municipal, do Largo da Boa Hora, por não haverem outras na nossa freguesia, e as que existem em Belém e Santo Amaro, estarem a mais de mil metros do centro de população da Ajuda;

— pedimos a substituição do mictorio da Rua dos Quarteis, por o julgarmos indecente para um local habitado;

— pedimos a limpeza da canalisação que conduz a água para o chafariz do Cruzeiro;

— pedimos que fôsem retiradas aque-

las fatídicas taboetas que encimam os marcos fontenários, dizendo que a água está inquinada, quando isso nunca poderia succeder se a canalisação estivesse limpa;

— pedimos a reparação das ruas, em especial da Travessa da Boa Hora, que não condiz nada com o embelezamento que o novo Bairro deu ao local;

— pedimos a reparação e caiação das frontarias dos prédios e muros do Estado e Camara Municipal que são os mais vergonhosos por não serem reparados há muitas dezenas de anos;

— pedimos a colocação dum candieiro na Rua do Cruzeiro, em substituição de outro que de lá retiraram há meia dúzia de anos;

— pedimos a mudança de outro candieiro da mesma rua, por estorvar o trânsito;

— pedimos a iluminação dos pátios do Estado, a exemplo do que é exigido aos proprietarios particulares, etc., etc.

Ora todas estas coisas e as mais que não enumeramos hoje, e que ainda não conseguimos ver realizadas, bastante embelezariam a nossa freguesia, reputamo-las de verdadeira utilidade, crentes de que ninguém nos desmentirá.

Porque não nos terão então aten-

CERTA vez o meu amigo Tibúrcio pensou que estava doente, mal, muito mal, mesmo em estado perigoso, apenas porque se sentia farto de... ter saúde.

Resolveu por isso escolher, na escala das doenças prováveis, qualquer ainda não experimentada e optou por simpatia topenímica com uma doença do estomago, mas daquelas curáveis como, por exemplo, um simples embaraço gástrico.

Auto - convencido a queixar-se do seu imaginário mal, quiz então consultar um médico especialista em doenças stomalógicas, escolhendo para tal função um dos clinicos mais conceituados pela competência e que por sinal era justamente apreciado pelos bons ditos de graça, o que já representava uma certa compensação visto os preços nessa clinica serem algo puchadinhos.

Sem outros preambulos e para mais depressa chegar ao fim, Tibúrcio apresentou logo a causa da sua doença.

— Doutor, tenho as digestões muito laboriosas. Digo mal, logo, o meu estomago não funciona bem.

— Se isso é como diz deve haver engano. Quando um estomago não trabalha bem deixa de ser laborioso, e, não sendo laborioso como quer o senhor que determine as digestões laboriosas?! O seu mal deve ser outro. Diga-me, com franqueza, o senhor ingere alimentos de tais propriedades que lhe sejam nocivas?

— Nada disso, doutor. Alimento-me, quasi exclusivamente do que vem das propriedades que herdei e nunca, jámais, em tempo algum os seus possuidores as notaram nocivas.

Nesta altura da consulta o doutor vacilou se deveria ou não especificar quais os alimentos vitaminados, os ricos em hidratos, os remediados em proteínas, ou pobres em azote, indicando lhe também quais as dosagens regulares e cotidianas a que deveria sujeitar o pseudo-depauperado estomago do seu cliente, mas atendendo a que estava em sua presença um parvóide em tamanho natural, deixou-se de doutorices e perguntou-lhe apenas:

— Diga-me o que costuma comer.

— O trivial. Nada de exagerado. De manhã, assim que acordo, a minha bem domesticada esposa manda trazer-me imediatamente uma gemada de três ovos e um pãozinho espanhol com manteiga que eu como acompanhado de Ovomaltine, Toddy, Banacao, ou qualquer outro produto similar, dissolvido em leite. Depois faço um pouco de ginástica, leio a correspondência chegada e os jornais, prego meia dúzia de decomposturas nos meus servos, o que me esgota a energia pela irritação causada e, de aí a pouco, retempero as forças com umas fatias de pão de forma onde previamente entremeei um pouco de *fole-grás*, *galantine-au-veau*, fiambre, ou simplesmente umas rodela de mortadela ou paio de Arraiolos

e, como tenho o cuidado de não embatucar, vou também bebendo uns goles de autêntico molho de Colares.

— Só!?

— Não senhor, quasi sempre acompanhado por minha mulher que usa o mesmo regime. Em seguida vou dar uma volta e para que se não negotem de todo as energias tenho o cuidado de ir comer uns pãezinhos de Chantilly com linguças, saleichs ou salame, que para melhor assimilação orgânica acompanho com uns cálices de vinho do Porto ou de Carcavosce.

— E de pois, quando almoça, come bem?

— Assim, assim, ou melhor, outras vezes almoço, porque...

— Logo vi, era impossível.

... Porque o que caracteriza o almoço é a ausencia de sopa e eu tomo sempre, pelo menos, uma. Mas, pouco mais com além de dois pratos de carne, um de peixe, alguns legumes ou hortaliças e indispensáveis *hors-d'oeuvre* e a respectiva sobremesa que é, invariavelmente queijo da serra ou Flanço, grã comotas caseiras, café com leite e um simples *epipástico*, quente e com manteiga, para recuperar as energias perdidas com a deglutição. Porém, como tenho sempre o máximo cuidado com a minha depauperada saúde, até ao fim do repasto e para rebater a ingestão, tomo soope um cálice de kummel ou mesmo de benedictine.

— Mas, isso é formidável! Car Claque, decerto, janta tarde e assim pode ficar reconfortado até á noite.

— Qual história, sr. doutor, eu; prezo muito a minha saúde para que possa assim de ânimo leve perder as calorias que me poderiam escassar por falta de observância no meu regime alimentar. E já lá vão ás 20 horas, mas tenho o cuidado de antes dessa refeição ir a qualquer bar ou leitaria comer uns folhadinhos de carne, uns cro-

quetes de fiambre, ou uns empadões de camarão, que não esqueço de ir acompanhando com copitos de Bucelas, até á ocasião de continuar os meus cuidados retemperadores com alguns doces de ovos, cremes ou chocolates. Nessa altura mudo o líquido emoliente que passa a ser um saboroso bastardinho, ou mesmo o vulgarissimo abafado velho que, naquele azequarado lastro assenta esplendidamente. Depois sacrifico-me a só tornar a comer quando janto.

— ?!?!?!?

— Uma substanciosa sopa, três pratos...

— Já cálculo. Três pratos de carne e...

— Não senhor, de Limoges, onde me servem carnes assadas, qualquer *vol-au-vent*, carnes frias, esparregado, ou saladas, ou então caça, grelhados, outras vezes caldoiradas, ostras cruas, com limão e pimenta ou recheiadas, e com conservas. Além disso guizados, aperitivos, sempre bastantes frutas, queijos, tudo regado com esplendido vinho de pasto e por fim aos doces vinhos generosos, não esquecendo no final a complementar chicara de café com leite e o tradicional papo-sêco, quente e manteigado, para equilibrio das energias perdidas.

— E consegue depois de tão lauta refeição dormir bem?

— Se me deitasse sem comer mais alguma coisa, teria dificuldade em me conciliar com o sono. Mas, como prezo muito a minha saúde e zelo pelas energias dispendidas, como mais uma ligeira refeiçãozinha para a sossega. Assim, cêrea da meia-noite, antes de me recolher aos aposentos, bebo uma caneca de leite, como umas fatias de cavalo-cansado (salvo seja, ó Tibúrcio) embebidas em vinho espumoso de Lamego e mastigo uma série de chocolates com creme que, diga-se em favor da verdade, ainda algumas vezes me chegam para comer juntamente com bolachas torradas ou de araruta, quando acordo de noite.

— Tudo o que o senhor me contou é simplesmente espantoso. Porém, vejo pelo seu aspecto que, suportando esse regime alimentar com tanta facilidade o senhor é, garantidamente, um pogo de saúde.

— Mas, senhor doutor, além das minhas digestões laboriosas a eliminação dos detritos alimentares também se faz sempre penosamente.

— Ah! Então sim, compreende. Sei agora do que carece e vou-lhe indicar a forma de remediar o seu mal. E, confirmando a facécia dos seus ditos de espirito, respondeu á consulta com esta frase incisiva que definia o seu agastamento com tão alarve gastrônomo que esquecia ou ignorava a máxima latina «come para viveres, não vivas para comeres» e disse-lhe sarcasticamente:

— O que o senhor precisa é de aumentar a secção do esfíncter que o incomoda no fenómeno eliminatório da alimentação, ou se ainda assim a vazão for insufficiente, trate de arranjar outro orificio, porque dessa maneira é muita passagem para tão modesto e apertado órgão.

TABLEAU!

Nova Padaria Taboense

DE
ANTÓNIO LOPES MARQUES

Esta padaria está patente ao publico para verem as suas condições higienicas

R. das Mercês, 118 a 128 — SUCURSAL: T. Paulo Martins e Largo da Paz

TELEF. B. 656 — AJUDA — LISBOA

Favorita Ajudense

DE
J. J. CAETANO

Completo sortido de Fanqueiro, Retrozeiro, Rotparia e Gravataria
Artigos Escolares — Material electrico

GRANDES PECHINCHAS — OS PREÇOS MAIS BAIXOS DO MERCADO

167, Calçada da Ajuda, 169

TELEFONE BELEM 456

dido, e fingem desconhecer a nossa existência?

Será por este jornal ser muito pequenino e não poder figurar ao lado da grande imprensa?

Será por os seus colaboradores, com raras e valiosas excepções, serem humildes operários ou modestos comerciantes?

Talvez, mas isso não devia ser o motivo suficiente, porque possuem a qualidade que os nobilita: todos são desinteressados.

Estão os em acreditar que não seja por isso, mas sim porque as pessoas que dirigem as corporações administrativas, com que estamos em contacto, não possuem as qualidades que possui o Homem que se propõe embelezar ainda mais a já encantadora cidade do Mondego, e a quem pedimos licença para cumprimentar-mos mui respeitosa e sinceramente, fazendo sinceros votos porque encontre quem o ajude na sua espinhosa missão.

Francisco Duarte Resina.

II EXCURSÃO ANUAL

promovida pelo jornal
«O COMÉRCIO DA AJUDA»
a efectuar nos dias

12 e 13 de Agosto de 1934

em auto-car de luxo, visitando:
Torres Vedras, Caldas da Rainha, S. Martinho do Porto, Nazareth, Alcobaça, Batalha, Leiria, Vila Nova de Ourém, Fátima, Tomar, Torres Novas e Santarém

PARTEIDA A AJUDA ■ CHEGADA Á AJUDA

Quotisação semanal de 1\$50 por pessoa

Informações e inscrição na GRÁFICA AJUDENSE

C. da Ajuda, 176 — Telef. B. 329

RESERVADO O DIREITO DE SELECÇÃO

UMA JUSTA HOMENAGEM

Realizou-se no dia 21 de Janeiro último, uma festa íntima de homenagem ao nosso distinto camarada Sr. Agostinho António, levada a efeito por um numeroso grupo de admiradores, por motivo da partida para a Índia deste nosso amigo e presado colaborador.

A pequena festa, que constou de um almoço oferecido ao homenageado num «restaurant» dos arredores, deixou a quantos assistiram gratas recordações, pelas horas de franca alegria e sã camaradagem que sempre reinaram entre todos os presentes.

A mesa, disposta em forma de T, sentou-se no lugar de honra o homenageado, que dava a sua direita aos Srs. Silva Coelho, Henrique Peters e Carlos de Sousa e a sua esquerda aos Srs. Francisco Duarte Resina e João Alves, sentando-se nos restantes lugares, indistintamente, os outros convivas, em número que ultrapassava duas dezenas.

O almoço — excelente e genuinamente á portugueza — constituiu uma prova da estima grangeada pelo homenageado, pelo seu aprumo e suas belas qualidades de carácter.

A sobremesa, o Sr. Francisco Resina, em nome do nosso jornal, apresentou ao homenageado os votos de uma feliz viagem em companhia de sua Ex.^{ma} Espôsa. Disse que era com bastante pena que não via entre os presentes o nosso querido Director, mas sabia que elle se associava em espirito a tão justa homenagem. Afirmou que era para elle motivo de muita alegria, quando, no seu rápido

regresso, se podessem reunir todos, novamente, numa festa de confraternização.

O Sr. Luiz Teixeira, em breves mas sinceras palavras, saudou o homenageado, em seu nome e no dos seus amigos de Belém e Ajuda, bebendo pelas suas prosperidades. Proferiram também algumas palavras de saudação os srs. Serafim Gomes e Vicente Feijão.

Falou por último o homenageado, que em sentidas palavras agradeceu a espontaneidade da homenagem que lhe era prestada. Disse que o surpreendeu bastante vêr ali em tão grande número tantas pessoas que ignorava ter-lhes conquistado a estima, e ás quais bastante agradecia, por saber que aquela festa lhe era dedicada, não pelo valor do seu lugar oficial, mas pela muita dedicação dos seus amigos. Disse que lhe era muito grato constatar o bom convívio entre todos os presentes, apesar dos seus diferentes credos, e fazia votos para que não se produzissem entre elles, na sua ausência, factos que os levassem a perder a sua leal camaradagem. E, em palavras repassadas de comoção, terminou agradecendo a todos e bebendo pela saúde de todos os presentes.

E terminou pela tarde esta encantadora festa, com um passeio, em diversos automoveis, pelos pontos mais pitorescos dos arredores.

«O Comércio da Ajuda» fez-se representar nesta homenagem pelo seu editor, administrador e dois redactores.

A. A.

TRANSPORTES DO ALTINHO A. A. JERÓNIMO

Suc. de Sebastião dos Santos

Carroças de aluguer para todos os serviços de transportes
Fornecedor de materiais de construção

TELEFONE BELEM 154

Rua das Casas de Trabalho, 109

José Vicente d'Oliveira & C.^a (F.^o)

Sucessor: FERNANDO ANTONIO DE OLIVEIRA

Fabrica de cal a mato e todos os materiais de construção

33, Rua do Rio Sêco, 33 — LISBOA

TELEFONE BELEM 56

ANTONIO DUARTE RESINA

154, Calçada da Ajuda, 156

Neste estabelecimento de MERCEARIA, o mais antigo da freguesia da Ajuda onde primeiro se venderam e continuam vendendo os bens

VINHOS DE CHELEIROS

encontrareis também um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade a preços razoáveis

ABEL DINIZ D'ABREU, L.^{DA}



PADARIA

Fornece pão aos domicílios



55, C. da Memória, 57 - LISBOA - Sucursal: T. da Verbena, 14 e 16

TELEFONE BELEM 520

Manoel António Rodrigues

COM

VACARIA E LEITARIA

Sortido de Pastelaria, Cervejaria, Vinhos finos, Licôres e Tabacos

202, Calçada da Ajuda, 204 — LISBOA

José António Rebelo de Avelar

MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO

Madeiras nacionais e estrangeiras. — Ferro novo e usado. — Ferragens. Máquinas agrícolas e industriais — Tubos de ferro fundido e laminado — Ferragens para construção e marcenaria. Oleos, gazolina, lixa, etc.

Armazem: C do Galvão, 127 — Telef. B. 83

A. P. BETTENCOURT & SEABRA, L.^{DA}

OFICINAS DE ENCADERNAÇÃO

Encadernações simples e de luxo, tais como livros á antiga, amador e escrituração comercial Copiadores, caixas e pastas para arquivo Arman-se pastas de fantasia e bordadas Envernizam-se mapas

T. de Paulo Martins, 18**AJUDA — LISBOA**

TELEFONE BELEM 517

**DROGARIA SANTOS**

A casa mais antiga da freguesia, e que mais barato vende

Drogas, produtos químicos, tintas de todas as qualidades, sabonetes e perfumarias

142, Calçada da Ajuda, 144 — LISBOA

TELEFONE BELÉM 220

A AJUDA EM ESTADO DE SÍTIO

Há dias encontrava-me no Rossio na placa destinada á partida dos carros para a Ajuda. Uma enorme multidão, em muito maior quantidade do que de costume, se acotovelava na ância sôfrega de subir aos carros, atropelando-se na fúria de conseguir primeiro o seu lugar. Intrigado ainda com tão extraordinária animação, instalo-me no lugar que por fortuna consegui, o espírito interrogando ancioso a razão porque naquele dia era tão desusado o movimento.

Espantado fiquei com o que acabava de constatar: toda aquella gente tirava bilhete de nove tostões e meio — Calçada da Ajuda — exactamente como eu, tudo, sem excepção!

Dizpuz-me a averiguar o motivo que faria aquella imensa mole humana deslocar-se tão longe, á nossa tão pacata fréguesia, e, olho alerta, ouvido á escuta, propuz-me decifrar o estranho enigma. Um passageiro em frente dizia em voz baixa a uma senhora o que quer que fôsse que não cheguei a perceber, mas, no que dizia, referia-se insistentemente á Calçada da Ajuda — mais não pude ouvir. Disponha-me já, cheio de coragem e resolução, a interpelar esse individuo, mas — oh desilusão! — apeou-se naquêllo instante ao chamamento de uma senhora que da rua o vira.

Desdobro nervosamente um jornal da tarde. Não consigo concentrar a atenção pelo grau de exaltação dos nervos, ardendo em curiosidade. Sintome ancioso, impaciente.

Em Santos, em Alcantara, novos passageiros se encarrapitam no carro já apinhado. Ardo em desejos de saber o que se passa. Tortura-me a incerteza em que o meu espírito se debate. Seria um desastre? Seria um incêndio? Seria um crime? E a imaginação sente-se perdida em cruéis conjecturas, vagueando sinistramente ao acaso, procurando libertar-se da incerteza, como a avesita retorcendo anciosa-

mente as unhas, sangrentas, nas grades duríssimas da prisão.

Procurando acalmar a minha feroz impaciência, leio agora o «Detective», que comprara pela manhã. A descrição tétrica dum crime sensacional puzera-me os nervos abalados já próximo dum paroxismo. Sufoco. Sinto aljofrar-me na testa gotejante suor frio.

Na Boa-Hora os carros não seguiam; aglomeravam-se longamente, rua de D. Vasco acima, em tal quantidade que os funcionários da Carris assistiam coléricos, impotentes, áquella desorganização nunca vista. Apeio-me transtornado e sigo a pé pela travessa que vem dar á Calçada. E como se eu fôsse um ente extranho, horrendo, que áquella gente causasse o maior dos assombros, toda aquella gente seguiu-me, a par, a passo, como uma sombra, como querendo linchar-me, estrangular-me, dar cabo de mim... Tranzido de pavôr, no escuro daquela artéria, parece-me já que cada um avança para mim acerando a lâmina aguda duma espada para me trespassar, em frémitos de dôr. Toda a multidão segue tumultuosamente para a Calçada. Chegados, dobram á direita. A' porta dum pequeno estabelecimento a multidão estaca subitamente, ante outra que a pé firme ali estacionava.

Fôra de mim, vejo já longas lavaredas lambendo em línguas de fôgo a frontaria dos prédios, tisanando-as de fumo. Alucinado, como doido, quasi de joelhos, peço ao policia que ali regulava o trânsito que me diga o que fazia aquella gente — se era para me matar, para me estrangular. — Não é nada disso — disse êle tranquilamente. Esta gente que o meu amigo aqui vê, vem toda mandar fazer os magníficos bilhetes de visita que a Gráfica Ajudense — Calçada da Ajuda, 176 — executa desde quatro escudos o cento!.

Reporter Xispe.

IMPRENSA

O nosso prezado colega «Detective», que acaba de passar por uma completa remodelação nos seus serviços administrativos, reaparecerá no próximo dia 8, dentro dos mesmos moldes jornalísticos que justamente lhe têm grangeado as atenções do público.

Com esse número inicia o seu 3.º ano de publicação, motivo por que humildemente, mas com sinceridade, daqui lhe endereçamos os nossos veementes desejos de amplas prosperidades para que continue a demonstrar em bons artigos de intenso jornalismo, quanto vale a nobreza duma profissão inglória, aliada á ardencia de bem servir os seus leitores.

Parabens, pois, ao valoroso colega, a quem apeteçemos longa e feliz vida.

AGRADECIMENTO

Maria da Conceição Vaz, Laura Martins Gomes Jardim, Maria Amelia Martins Santareno, e mais familia, na impossibilidade de agradecerem a todas as pessoas que acompanharam á sua última morada a sua querida mãe, Constança Maria Martins, por ignorarem o endereço da maior parte das pessoas, fazem-no por êste meio, testemunhando a todos a sua eterna gratidão.

A Alfaiataria Ajudense

entendeu por bem que ás classes trabalhadoras assiste tambem o direito de vestir um fato com correcção e elegancia, por preços inegaláveis em outra qualquer casa, e por isso resolveu expor os seus preços:

Fato completo ou sobretudo } 200\$00
Feitio e forros } 120\$00

Calçada da Ajuda, 127

TELEFONE B. 184

LIBREIRO, L.^{DA}

Travessa da Boa-Hora 22 e 24 — Telefone B. 427

LISBOA**Géneros alimentícios de primeira qualidade**

Louças de esmalte e vidros Vinhos finos e de mês

LICORES E TABACOS

Amândio C. Mascarenhas**SERRALHARIA MECANICA E CIVIL E FERRARIA SOLDADURA AUTOGÉNIA**

Construção aperfeiçoada de fogões em todos os sistemas e portas de fornos. Reparações em motôres e máquinas de vapor e instalações electricas

R. Mercês, 104 (Ajuda) — LISBOA — Telef. B. 496

≡ SALÃO ≡ TELEF. B. 124
PORTUGAL
 Travessa da Memória — Ajuda

TELEF. B. 99 ≡ CINEMA ≡
PALATINO
 R. Filinto Elísio (Alto de Santo Amaro)

Dias 3 e 4 — **Paprika (Uma rapariga dos diabos)**, com Franciska Gaal, e a comédia futurista, com El Brendel, 1980.

Domingo, 4 — MATINÉE ás 15 horas, com os excelentes filmes 1980 e **O Expresso Fantasma**.

Dia 5 — A grandiosa super-produção **O preço duma vida** e o filme português **Maria do Mar**.

Dia 7 — O sensacional super-filme, com Dolores del Río, **Ave do Paraíso**, e a película de aventuras **Sinais de Alarme**.

FESTAS DE CARNAVAL

Dia 10 — **GRANDIOSO CONCURSO DE CÉGADAS**
 com três valiosos prémios

Dia 11 — Matinée ás 15 horas, com os excelentes filmes
O Salto Decisivo e O Vale da Surpreza

Em todos os dias de Carnaval — OS MAIS COMPLETOS E
 VARIADOS ESPECTACULOS CINEMATOGRAFICOS

As senhoras que assistam aos espectáculos têm, depois destes,
 entrada gratuita nos bailes do PALATINO, desde que se façam
 acompanhar por cavalheiros.

A' excepção de sábado, 10, os preços não são alterados.

Dia 16 — O filme de grande classe **Teodoro & C.**

Sábado, 10 — O interessante filme cómico **Diabos do Céu**.

Domingo, 11 — Matinée ás 15 horas com os filmes **O Salto Decisivo e O Vale da Surpreza**, e **Baile Infantil**.

A's 21 horas — O super-filme cómico **Viva a Marinha!**

Segunda-feira, 12 — **Anny na Escola**, com Anny Ondra.

Terça-feira, 12 — Matinée ás 15 horas; Soirée ás 21 horas, com a excelente super-produção **Os Ciganos da Noite**.

Em todas as noites serão exibidos filmes de desenhos animados e comicos proprios da quadra carnavalesca, seguindo-se
BAILE ATÉ DE MANHÃ

Preços dos bilhetes, com direito a espectáculo e baile:
 Plateia, 6\$00 e 7\$50; Balcão, 8\$00, 10\$00 e 12\$50.
 Senhas só para baile, 4\$00.

Bilhetes à venda.

Reservado o direito de admissão.

A SEGUIR: as melhores super-produções de todas as casas distribuidoras

ESGOTOS

Sobre êste assunto, recebemos a seguinte carta :

Sr. Director do jornal «O Comércio da Ajuda» — Esqueceu-lhe, meu amigo, nomear mais uma regueirasinha que a meu ver, é tão perniciososa ou mais do que as que citou no último número de «O Comércio da Ajuda».

E não admira porque o local é pouco frequentado e eu com franqueza se não topasse com ela como me succedeu ontem, ignorava a sua existência. Mas quiz o acaso levar-me para os arredores do forte de Monsanto, contornando o qual em volta da horta vedada tôscamente, a certa altura o carreiro que seguia dispersava-se. Admirado estava eu e contente, ao reparar nas viçosas couves galegas que ali se desenvolviam pujantes e belas. Comecei a fixar melhor o terreno, e manchas de humidade despertaram a minha curiosidade. Observei então um rego aberto nas terras que ali têm um declive bastante acentuado e o murmurio de agua corrente me fez supôr instantaneamente que seria alguma nascente... mas pouco durou essa ilusão porque o *aroma* não deixava duvidas!...

Esse *líquido* corria para covas enormes já cheias que por seu turno iam enchendo outras em niveis mais baixos e a infiltração já profundava bem êsses pedaços de terra que até num desses barrancos saía já pela rocha abaixo. Procurando seguir para

a Correnteza, donde estava afastado cerca de 50^m achava-me cercado de lagos fétidos e considerei-me indesejável nesse ponto donde fugi nauseado, não sem ter cuidado bem, de me não atolar.

Não faço comentários. Apenas quero acentuar que naquelas terras atravessadas por êsse incomodo esgoto, passam também as minas ou nascentes que abastecem o chafariz da Cruz das Oliveiras e a fonte do Caieiro, lá mais em baixo.

Se vir que o assunto é de interesse, como me parece, talvez o jornal possa mais uma vez tratar esta já velha e relha questão da urgencia de se fazer alguma coisa contra os esgotos a descoberto, porque não basta colocar as tais taboletas declarando que as águas são impróprias para o consumo público.

A'quele lugar da nossa frêguesia ia, e não sei se ainda continua êsse serviço, a carroça que meus filhos cognominaram de *carroça da pitada*. Não poderia fazer-se uma grande fossa aseptica, donde as ditas carroças extraissem periodicamente o excesso líquido?

Não sou técnico, infelizmente, para o poder afirmar, mas praticamente, o que sei, é que o mal tem cura, a questão é querer aplicar-se-lhe o remédio, que o fundo do desemprego poderia em parte custear.

Cumprimenta-o o seu velho amigo e obrigado — *Jorge Pinto*.

No Centro Escolar Republicano de Belém

Uma encantadora festa escolar

Comemorando o 43.º aniversário da revolta republicana de 31 de Janeiro e para inauguração de uma exposição de trabalhos escolares dos seus alunos, realizou-se no Centro Escolar Republicano de Belém uma sessão solene, presidida pelo Sr. Abel de Jesus Meireles, irmão do sargento Abílio de Jesus Meireles, que foi um esforçado combatente da mesma revolta, e secretariada pelos inspectores escolares Srs. Rosa Alberty e Simões Raposo.

O tenente Sr. Gomes Rocha, como presidente da Direcção do Centro, expoz os fins da festa, prestou homenagem á memoria dos que tomaram no campo da luta em 31 de Janeiro de 1891, terminando por dirigir uma enternecedora allocução ás criancinhas.

Estas começaram a sua festa, cantando, com muito rigor, a «Portuguesa», que foi ouvida de pé por toda a assistência.

O inspector escolar Sr. Alberty fez uma admirável lição sobre o ensino do desenho na escola primária, e o Sr. Simões Raposo dissertou sobre o movimento republicano em Portugal e a instrução popular.

O Sr. António Ribeiro Duarte, secretario da Comissão Administrativa da Junta de Frêguesia de Belém, afirmou que a Junta está disposta a colaborar com a Direcção do Centro, para que a acção dêste, em prol da instrução popular, tenha maior incremento.

Dois ex-alunos salientaram os beneficios colhidos na sua frequência à Escola do Centro, e um deles ofereceu um lindo trabalho de desenho.

As criancinhas entoaram lindas canções e recitaram engraçadas poesias, terminando como começaram, por cantar a Portuguesa, desta vez com o concurso de toda a assistência.

Fomos depois ver os trabalhos expostos e ficámos encantados pela sua originalidade e perfeição, o que revela grande competencia do Corpo Docente. Despedimo-nos do presidente da Direcção, Sr. Tenente Gomes Rocha, felicitando-o pelo brilhantismo da festa e agradecendo a amabilidade do convite que nos dirigiu para a ela assistirmos.